

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO LATO SENSU EM EDUCAÇÃO E CINEMA PARA DOCENTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA: UMA EXPERIÊNCIA PIONEIRA

AZEVEDO, Ana Lúcia de Faria
UFMG
ana03faria@ig.com.br

DIAS, Marília S. Andrade
UFMG
mariliasousadias@gmail.com

1

RESUMO

Esse artigo apresenta uma experiência de formação docente desenvolvida na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil (FaE/UFMG) em parceria com a Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de Belo Horizonte (SMED/PBH). Trata-se do Curso de Pós-graduação Especialização Lato Sensu em Docência na Educação Básica (LASEB), destinado aos docentes da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte (RME/BH), realizado desde o ano de 2005. Em uma perspectiva interinstitucional e interdisciplinar, o LASEB se organiza em torno de áreas de concentração, conforme eixos teórico-metodológicos próprios e articulados entre si por um núcleo comum. Com uma carga horária de 458 horas, distribuídas em três núcleos, a saber: disciplinas do Núcleo Comum, disciplinas específicas das áreas e uma disciplina denominada *Análise Crítica da Prática Pedagógica (ACPP)* que se caracterizou por uma articulação de atividades destinadas a promover processos de ação reflexiva que auxiliem os docentes a elaborarem e efetivarem planos de ação pedagógica nas escolas em que atuam. A experiência que apresentamos nesse artigo refere-se à área de concentração e ênfase temática “Educação e Cinema”, oferecida na sexta edição do Programa e pioneira nos cursos de especialização nas universidades brasileiras. O Curso teve como objetivos proporcionar experiências com cinema e introduzir a reflexão sobre a importância estética e educativa nos processos educativos escolares e na formação do gosto e da sensibilidade dos professores e das professoras. A proposta pretende estimular estudos, reflexões e práticas sociais e educativas com cinema e exercícios fílmicos na escola e na sala de aula, oferecendo subsídios para que os docentes possam inserir efetivamente esse objeto

cultural no cotidiano de suas atividades profissionais e em suas práticas culturais. O LASEBem “Educação e Cinema”, iniciado em fevereiro de 2014 e finalizado em junho de 2015, contou com a participação de 40 profissionais da RME/BH, dentre eles, Professores/as do Ensino Fundamental e da Educação Infantil, Técnicos Superiores de Educação, Auxiliares de Biblioteca e Bibliotecários.

Palavras-chave: Formação Docente; Cinema; Educação

2

O Programa de Especialização Lato Sensu Docência na Educação Básica (LASEB) em “Educação e Cinema” desenvolvido em parceria entre a Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil (FaE/UFMG) e a Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de Belo Horizonte (SMED/PBH) é destinado aos profissionais da educação da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte (RME/BH). O LASEB surgiu após uma longa trajetória de trabalhos em conjunto entre a SMED/BH e a FaE da UFMG no acompanhamento à implementação da Política Pedagógica e da formação continuada dos profissionais da educação da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte.

Desde a década de 1990, a Faculdade de Educação realiza diversas atividades nas formas de consultoria, assessoria, avaliação, pesquisa e extensão junto às equipes pedagógicas da SMED e das escolas municipais. Nessa perspectiva, o LASEB atua com base na relação teoria-prática e busca contribuir para a análise e modificação da prática docente, apoiando os professores e professoras municipais no enfrentamento coletivo dos desafios vivenciados durante os processos formativos desenvolvidos nas escolas. Conforme consta do projeto inicial, o programa se estruturou com vistas a alcançar os seguintes objetivos: aprofundar estudos e análises sobre a prática escolar; estimular a articulação entre o debate teórico-epistemológico e a prática dos professores no cotidiano da escola e da sala de aula; consolidar trocas de experiências e diálogos sobre os desafios da realidade das escolas e da educação brasileira; ampliar conhecimentos e garantir a realização de processos de reflexão abrangentes a respeito das políticas públicas de educação¹.

¹ Disponível em <http://www.fae.ufmg.br/laseb/guia_aluno.pdf>. Acesso em 01/08/2014.

Tal experiência, que teve início em 2005-2006, apresentou em cada uma das suas edições até cinco áreas de concentração. Nas quatro primeiras edições do Programa as áreas oferecidas foram: Alfabetização e Letramento, Educação Matemática, Educação Infantil (introduzida na terceira edição do Programa), Juventude e Escola e História da África (posteriormente denominado História da África e Cultura Afro-brasileira: uma introdução à lei 10.639/03). Na quinta edição, as áreas oferecidas foram: Educação Matemática, Alfabetização e Letramento, Educação Infantil, Educação e Relações Étnico-Raciais e Aprendizagem e Ensino na Educação Básica.

Em sua sexta edição, 2014-2015, na qual se insere a área de Educação e Cinema pela primeira vez, o LASEB contou também com especializações em Diversidade, Educação, Relações Étnico-Raciais e de Gênero; Educação em Ciências; Múltiplas Linguagens em Educação Infantil; Processos de Alfabetização e Letramento; Processos de Aprendizagem e Ensino na Educação Básica.

Importa ressaltar que em suas primeiras edições, ele priorizou a participação de professores/as que estivessem atuando em sala de aula com estudantes de 9 a 14 anos (2º e 3º ciclos do Ensino Fundamental, respectivamente) e/ ou na coordenação pedagógica. Nos anos posteriores, ampliou a participação no processo seletivo aos professores/as de toda a educação básica, Técnicos Superiores de Educação (Supervisores Pedagógicos, Orientadores Educacionais e Pedagogos), Bibliotecários, Auxiliares de Biblioteca e Analistas de Políticas Públicas da RME/BH². Entretanto, a seleção dos participantes para o Programa, feita mediante um sorteio, manteve a prioridade para professores/as atuando em sala de aula. E, caso todas as vagas de determinado curso fossem contempladas, os profissionais inscritos tiveram a oportunidade de participar do sorteio de outro curso pleiteado como segunda opção, caso esse tivesse vagas.

O Curso de Especialização em Educação e Cinema

² Consideramos e denominamos nesse artigo todos os profissionais que participaram do Curso de Educação e Cinema como “docentes” entendendo que todos eles desenvolveriam atividades com os alunos das escolas em que estavam atuando.

O Curso em “Educação e Cinema”, oferecido pela primeira vez no Programa, configura-se como uma experiência pioneira nos âmbitos dos cursos de especialização nas universidades brasileiras. Sua realização vai ao encontro de estudos e pesquisas nacionais e internacionais contendo perfis socioculturais de professores e professoras. Tais investigações³ apontam, dentre outros aspectos, as práticas e consumos culturais dos professores evidenciando que é limitado o repertório de cinema conhecido pelos professores e professoras.

4

Considerando essa informação, consideramos preocupantes as implicações dessa limitada formação fílmica na vida dos professores e professoras, cujas relações e práticas com o cinema nos processos educativos acabam por refletir esse empobrecimento cultural, seja no que se refere à seleção de filmes que costumam exibir em sala de aula e na escola, sejam que concerne aos motivos e aos modos pelos quais os docentes levam o cinema à sala de aula.

De um lado, entendemos que essa limitada formação fílmica não reflete apenas desconhecimento da importância e da potencialidade do cinema nos processos educativos, nas sociedades contemporâneas, em especial, mas a dificuldade de acesso do público em geral, e não somente dos professores, à diversidade de produção cinematográfica existente desde a infância do cinema. Os filmes geralmente exibidos nos canais de TV abertos ou fechados e que formam o gosto dos espectadores não especialistas são quase sempre ligados a estética hegemônica que muitos chamam de hollywoodiana por ter surgido e se consolidado com essa indústria americana e por ter suas características vinculadas em primeiro lugar aos seus objetivos comerciais. Assim mesmo que os docentes reconheçam o valor das produções fílmicas e possibilidades de aprendizagem relativas aos diversos campos do conhecimento humano e por isso os incorporam às suas práticas educativas, em geral, pouco podem fazer em relação à

³ As pesquisas aqui referenciadas encontram-se nos estudos de FANFANI (2005); ABRAMOVAY (2004); Projeto “*Enredos da vida telas da docência: os professores e o cinema*” realizado com recursos do Edital Universal do CNPq (2011/2013), dentre outras investigações.

ampliação das experiências culturais e o aperfeiçoamento das capacidades ligadas à fruição artística do público que educa.

Reconhecemos forte poder de impacto e influência exercido pelo cinema desde o início do século XX, não somente em termos de difusão e reflexão junto a grande público de ideias e comportamentos em diferentes culturas e momentos históricos, mas também como possibilidade de aprimoramento dos instrumentos intelectuais críticos e expressivos necessários à atuação social significativa na contemporaneidade. Por isso, entendemos a experiênciado curso LASEB/Educação e Cinema, como parte de uma política pública de formação docente que buscou renovar, enriquecer as vivências dos professores no âmbito da educação continuada, ao mesmo tempo que tentou responder a uma lacuna grave da formação inicial desses profissionais.

Assim, as atividades do curso foram planejadas para estimular várias capacidades relacionadas ao aperfeiçoamento das interações dos docentes com os materiais audiovisuais, tais como as habilidades de decodificação imagética de diferentes gêneros e subgêneros de filmes, de sensibilização para leitura ética e estética da linguagem fílmica, de utilização desse código como meio de expressão pessoal e/ou coletiva por meio da realização de exercícios de realização audiovisual.

A estrutura curricular: desenho metodológico

Compreendendo o cinema como *mediação* e não apenas como *meio*, nos termos de Martín-Barbero (2009), o Curso de Especialização Lato Sensu em Educação e Cinema para Docentes da Educação Básica da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte (Brasil, Minas Gerais) apresentou uma ampla proposição programática, sendo constituído por disciplinas de campos diferenciados do conhecimento, de oficinas e seminários sobre arte e cinema na escola, além de prever a realização de projetos com cinema no âmbito escolar.

As disciplinas do Núcleo Comum foram estruturadas para promover a reflexão sobre questões pertinentes ou relevantes para as práticas pedagógicas desenvolvidas na

educação escolar, objetivando contemplar as necessidades interdisciplinares de formação docente. Essa organização visava o atendimento à demanda social de construção de currículos voltados para a formação profissional dos/as professores/as de modo que sua atuação pudesse contribuir para uma aprendizagem significativa e a inclusão efetiva de todos os educandos.

As disciplinas do campo do cinema, como já foi mencionado, dedicaram-se a apresentar e discutir elementos relativos à fruição e produção audiovisual, consideradas relevantes para a ampliação de referências estéticas e artísticas dos professores e professoras, além de iniciá-los em suas primeiras experiências criativas na realização fílmica.

Nessa perspectiva, o currículo contou com disciplinas comuns aos programas de estudos e pesquisas em Educação, tais como *Metodologia de Pesquisa; Educação, Cultura e Sociedade; Currículos; Metodologia de Ensino e Educação Inclusiva*. Contou, ainda, disciplinas específicas, referentes a estudos sobre cinema, como *Cinema e Experiência Estética; História Social do Cinema; Cinema e Memória; Cinema e Narrativa; Cinema e Audiovisual: produção, políticas e circuitos; Concepções, Experiências e Metodologias de Trabalho com Cinema na Escola e Educação, Docência e Cinema*.

Além desses conteúdos disciplinares, a proposta contou com uma disciplina do Núcleo Comum denominada *Análise Crítica da Prática Pedagógica (ACPP)*, integrante dos programas de todos os cursos do LASEB, que visava à “formação e ao acompanhamento mais próximo da prática cotidiana do docente” (GOMES; DALBEN; ROCHA; ALVES, 2009, p. 25). Caracterizada por uma articulação de atividades que se destinavam a promover processos de ação reflexiva que auxiliassem os professores e professoras a elaborar e efetivarem planos de ação pedagógica com cinema nas escolas em que atuam.

A disciplina *Análise Crítica da Prática Pedagógica (ACPP)* propunha, assim, o acompanhamento dos professores e professoras participantes durante todo o curso. O acompanhamento, tanto no processo de análise e reflexão sobre o universo e os sujeitos específicos com os quais cada docente trabalhava em cada escola municipal de Belo

Horizonte, quanto no processo de elaboração e execução do projeto de intervenção pedagógica voltados para suas necessidades.

Dessa maneira, o programa da ACPP na área de concentração “Educação e Cinema” contemplou atividades coletivas e individuais nas quais os docentes foram estimulados a examinar e avaliar os conhecimentos construídos pelos colegas de curso em suas diversas experiências de vida e em suas práticas profissionais. Nesses encontros, também foram valorizadas as discussões teóricas subsidiadas por textos escritos e filmes que contribuíram para o fortalecimento das relações teórico-práticas essenciais ao exercício do papel docente. Ressalta-se nesses espaços e tempos da *Análise Crítica da Prática Pedagógica* (ACPP), a elaboração fundamentada de planos de ação que orientaram um projeto de ensino-ação na escola ou na sala de aula como proposta do Trabalho de Conclusão de Curso.

O percurso trilhado pelos professores/as foi relatado e analisado no referido trabalho escrito, com o aporte de material teórico que refletia as relações entre educação e cinema. Esse material foi lido e discutido durante todo o curso em uma perspectiva interdisciplinar. Os docentes foram orientados a apresentar seu projeto de trabalho referente à *Análise Crítica da Prática Pedagógica* (ACPP) contextualizando e justificando suas escolhas pedagógicas e de pesquisa, discutindo e sintetizando os processos desenvolvidos, enfatizando na construção dessa narrativa reflexiva e crítica, os desafios enfrentados e o modo pelo qual eles tentaram equacionar os problemas que surgiram. Para a orientação dos projetos de ACPP foi constituído um grupo de quatro professores/as da UFMG e cada um acompanhava um grupo de dez cursistas.

Metodologia utilizada na disciplina *Análise Crítica da Prática Pedagógica* (ACPP).

Os primeiros encontros entre orientadores e os professores/as objetivaram a elaboração de propostas que tiveram como eixos norteadores as atividades de exibição e de produção de filmes nas escolas tendo em vista a importância de os professores desenvolverem com os estudantes as capacidades relativas à leitura e à realização de textos fílmicos em diversos momentos do processo de formação escolar desses sujeitos.

O primeiro encontro coletivo da ACPD foi organizado com o objetivo de promover uma reflexão sobre os memoriais de percurso docente exigidos no ato da inscrição. A partilha das informações contidas nesses memoriais entre colegas e orientadores da ACPD engendrou esforço de reflexão conjunta sobre as condições de vida e trabalho dos professores participantes, suas trajetórias de formação, suas expectativas e preocupações profissionais. Essa ação favoreceu a aproximação entre os sujeitos participantes e contribuiu para a identificação de temas e dilemas comuns entre eles, facilitando dessa maneira a divisão em quatro grupos de trabalho com afinidades de interesses.

8

A partir da formação desses agrupamentos, verificou-se a constituição de dois segmentos, sendo um voltado para a produção audiovisual e outro para organização de Cineclubes. Desde então cada conjunto de professores/as passou a se reunir com os orientadores para o estabelecimento das formas de acompanhamento, para o estudo e discussão de textos teóricos específicos, para proceder às análises de trabalhos acadêmicos das edições anteriores do LASEB que poderiam servir como referência, para definição de temas e problemas a serem abordados, bem como a elaboração e desenvolvimento dos planos de ação.

Os encontros com cada orientador podiam ser coletivos, individuais, marcados de acordo com a preferência dos professores/as e também em duplas, se os temas fossem muito próximos e se usassem os mesmos referenciais teóricos. Nesses momentos discutia-se e avaliava-se o andamento dos trabalhos, as questões teórico-metodológicas dos projetos e os desafios de sua implementação. Foi solicitado, ainda, que os/as professores/as entregassem textos escritos em todos os encontros de orientação. Cada um deles contemplava a primeira versão das etapas do trabalho, primeiro a descrição do plano de trabalho, depois as análises das principais referências teóricas, o relato reflexivo sobre o desenvolvimento do trabalho e finalmente a versão reescrita do relatório final completo, incorporando as sugestões e as correções de rumo inerentes ao desenvolvimento de qualquer projeto acadêmico, antes de enviá-lo para a banca examinadora.

No decorrer da orientação, após discussão sobre as demandas de formação dos estudantes identificadas por cada um dos professores/as e a definição sobre a melhor forma de atendê-las por meio do trabalho pedagógico com o cinema, os docentes foram divididos em quatro grupos. Dois grupos optaram por fazer a intervenção pedagógica tendo como eixo a exibição de filmes, constituindo o segmento dos projetos destinados à formação de Cineclubes; e os outros dois grupos se propuseram a realizar produções audiovisuais, constituindo o segmento dos projetos voltados para a produção visual.

9

As tessituras dos grupos: Cineclube e realização audiovisual

A exibição de filmes foi pensada no formato de Cineclube, em que os professores/as e seus estudantes selecionariam um conjunto de filmes e organizariam sessões comentadas, visando por meio dessa atividade não só abordar temas relacionados a diferentes campos do conhecimento, cuja discussão em sala foi considerada relevante para a formação dos estudantes, mas principalmente essa prática objetivou a ampliação do repertório cultural desses sujeitos em relação à experiência com o cinema. Partindo do reconhecimento de que o acesso da maioria dos brasileiros aos filmes através do cinema, da televisão e da internet se restringem aos produtos mais comerciais dentro modelo hollywoodiano de produção, entendeu-se que seria enriquecedora a oportunidade de conhecimento e fruição de outros padrões cinematográficos.

Essa reflexão acerca da importância na ampliação do repertório cultural dos professores/as se faz em diálogo com as discussões de Bourdieu (2007) no sentido de que o gosto é socialmente produzido, sendo construído mediante o jogo de forças, das dinâmicas de dominação ideológica e política presentes e hegemônicas no tecido e estruturas sociais que organizam sistemas de classificação e julgamento, bem como, esquemas perceptivos de gosto, inclusive estéticos, consolidados historicamente pela narrativa fílmica clássica difundida pela indústria cultural, conforme aponta Xavier (1983).

Em relação à produção audiovisual, os/as professores/as que optaram por esse tipo de atividade logo identificaram como principal desafio desenvolver um trabalho de produção

de filmes que tivesse os estudantes como protagonistas, não só como personagens das narrativas apresentadas, mas em todo o processo de concepção, realização e divulgação do material produzido. Destaca-se que, a produção audiovisual na escola comumente se restringe ao registro de eventos e serve à produção de uma memória das práticas, dos rituais estabelecidos e da participação dos sujeitos nesses eventos. Nelas, dificilmente, as crianças, jovens ou adultos estudantes são os autores das imagens e nem mesmo participaram das escolhas de como seriam nelas representados.

10

Dessa maneira, procurando intervir nesse ponto as propostas desenvolvidas pelos/as professores/as nos projetos de *Análise Crítica da Prática Pedagógica* (ACPP) apresentaram como importante característica e, por isso podem ser consideradas inovadoras, o fato de que os estudantes tomaram as principais decisões criativas, se apropriaram da atividade e imprimiram as suas marcas em seu processo e produto. Foram inovadoras também porque procuraram assegurar por meio da realização de pequenos filmes de animação e documentários, que os estudantes não só se apropriassem dos conhecimentos tradicionalmente vinculados ao currículo escolar, mas também desenvolvessem capacidades expressivas por meio da linguagem fílmica.

A possibilidade de produção autoral não é propriamente um elemento novo no repertório de atividades escolares, visto que, a produção textual escrita é uma constante nas práticas escolares. Contudo, podemos observar que, ainda, são mais frequentes no cotidiano escolar, os exercícios escritos que solicitam a reprodução do pensamento veiculado pelos discursos de autoridade vindos do que dizem os professores, dos livros didáticos e também o uso de documentários que abordam os conteúdos estudados em determinadas disciplinas.

Esse aspecto, identificado como um fenômeno de longa duração na educação escolar apresenta sua ênfase nas repetições de ideias seja na forma oral, escrita ou audiovisual. Demonstrando, ainda, uma forte presença das pedagogias tradicionais e conservadoras no modo de ensinar e avaliar a aprendizagem dos conteúdos, apesar dos recursos tecnológicos atualmente mais acessíveis.

Não obstante, entendemos que a preferência dos docentes pelos documentários, por sua vez, e também pelos filmes de ficção baseados em uma história real, possivelmente relaciona-se à concepção do filme como “duplo do real”, nos termos de Xavier (1987), pensamento que ainda encontra forte eco no modo como grande parte dos espectadores se relaciona com o cinema. Parte significativa do público parece ainda atribuir à técnica cinematográfica a capacidade de documentar objetivamente a realidade. Os documentários, por exemplo, costumam ser frequentemente utilizados como complemento das aulas expositivas por serem considerados produtos capazes da apreensão objetiva do real.

11

Importante ressaltar, que tal concepção foi constantemente problematizada durante o curso e os/as professores/as puderam discutir sobre as frágeis fronteiras que separam os gêneros ficção e documentário em relação à realidade representada, sobre o quanto todos os filmes possuem elementos comuns a essas duas categorias, pois ambos os gêneros podem ser classificados como um discurso, um ponto de vista sobre a realidade. E ao citarmos esse tipo de situação, queremos demonstrar a relevância da criação de momentos educativos que favoreçam a desnaturalização das relações estabelecidas pelos indivíduos e as imagens tecnológicas na contemporaneidade.

Em relação à organização do trabalho de realização fílmica percebemos que foi solicitado dos estudantes um papel mais ativo em termos de produção, reflexão e crítica desses produtos. Esses projetos buscavam estimular o protagonismo dos estudantes em todas as etapas do trabalho, incluindo atividades como seleção e leitura de textos de diferentes gêneros; debates sobre questões da vida prática sob o ponto de vista filosófico, sociológico, histórico e estético; exibição e discussão de filmes de gêneros e subgêneros diversos; produção escrita em forma de roteiros e textos dissertativos; além da organização coletiva para a realização e análise dos filmes feitos pelos alunos.

A sala de aula e as demais dependências da escola foram transformadas em espaços e tempos de criação cinematográfica em que os exercícios de leitura, discussão de textos informativos e literários foram importantes para orientar a construção dos roteiros dos filmes. Nesses momentos os estudantes exercitaram capacidades relacionadas à análise crítica de textos e as possibilidades de uso e dos recursos da língua escrita como elementos

necessários à formação de leitores e escritores competentes. Ampliando, ainda, seus repertórios de experiências ao realizarem incursões sobre os gêneros textuais ligados ao universo do cinema, tais como as críticas, as sinopses e os materiais publicitários.

Nessas experiências de criação, foram também bastante estimuladas as capacidades de expressão oral reconhecidas como instrumentos valiosos para conquista de posições de poder nas complexas situações sociais em que estamos envolvidos cotidianamente e elementos tão importantes para o exercício da cidadania (FRESQUET, 2013). Nos debates em torno dos filmes assistidos e sobre os rumos do trabalho em andamento, por meio de avaliações constantes dos produtos e dos processos postos em curso os participantes puderam amplificar e aprofundar o conhecimento sobre os filmes vistos, compartilhando ideias explicitadas de forma livre e respeitosa.

Esses momentos possibilitaram tanto aos estudantes, quanto aos seus professores/as oportunidade para expressarem conhecimentos prévios e experiências pessoais com o cinema, recordarem e reelaborarem suas vivências com esse artefato cultural, aportando novos saberes e outras formas de se relacionar com ele em situações pedagógicas caracterizadas pela valorização da contribuição de todos os sujeitos que dela participavam.

A capacidade de expressão pela linguagem cinematográfica foi trabalhada por meio de exercícios que permitiram aos professores/as desenvolverem habilidades para o uso dos equipamentos, como câmera fotográfica e filmadora, como também aprofundar seus conhecimentos e sua percepção em relação à especificidade desse sistema de comunicação. Exigindo que os docentes escolhessem movimentos e ângulos de câmera, assim como tomassem outras decisões na composição do texto cinematográfico, o que favoreceu a compreensão dos gestos necessários à construção autoral de um filme, desnaturalizando a produção de imagens que nos parece automatizada pela sofisticação tecnológica das câmeras e celulares atualmente disponíveis e acessíveis a uma boa parte das pessoas.

Considerações finais

As imagens nunca são representações isoladas do mundo, mas práticas sociais situadas no tempo e no espaço, frutos de operações que envolvem as tecnologias que as transmitem, a maneira como as percebemos pelos nossos sentidos e nossa imaginação pessoal ou compartilhada coletivamente, como nos lembra Dussel (2012). Assim, é importante que a formação docente também nos âmbitos da linguagem visual que condicionam a produção e a recepção das imagens, que determinam modos de ver e ser vistos em determinadas sociedades. É preciso pensar sobre o que aparenta ser visível em uma sociedade e o que está excluído do “quadro” da sociedade, assim como sobre o fato de que, historicamente, já existiram e podem ainda vir a existir, outras maneiras de organizar as informações visuais presentes em nosso cotidiano.

Ademais, outro aspecto importante da relação “cinema e educação escolar” a ser observada na formação docente referem-se às expectativas depositadas na crescente incorporação desse artefato às práticas pedagógicas. O aumento da presença de filmes no ambiente escolar atualmente está muito relacionado à massificação das tecnologias de comunicação nas mais variadas situações cotidianas dentro e fora da escola, fator decisivo para que as escolas pudessem ampliar de forma exponencial o acesso a esses produtos. Culturalmente continuamos dando muita importância às imagens, como no passado. Mas com a facilidade de produção e difusão de sons e imagens em movimento, essa relação foi de certo modo banalizada, tornando-se uma coisa corriqueira, com a qual quase todos parecem familiarizados.

Essa situação parece tornar a leitura de imagens uma atividade mais acessível a pessoas de qualquer idade, cultura e nível de escolaridade e talvez. Por isso, professores/as de todos os níveis de ensino podem considerar, não somente fácil e simples, mas também fundamental levar o cinema para suas aulas e com isso garantir aprendizagens sobre os mais diferentes temas que a escola aborda. A popularidade desses novos meios entre a juventude levou também a escola a buscar no cinema algum elemento que pudesse conectar as práticas escolares com a cultura dos estudantes ou como define Maria da Graça Setton, *buscar uma aproximação com a linguagem do cotidiano de uma geração que precocemente socializou-se com a cultura midiática* (2004, p. 67).

Em relação a esses fatores, observamos que o curso pode ter contribuído para a formação de docentes como *espectadores emancipados*, na expressão de Rancière (2010), que se posicionam política e criticamente diante dos filmes e que se mostram preocupados com os conhecimentos transmitidos e as disposições estimuladas pelas imagens com que interagem cotidianamente nossas crianças, jovens, adultos e idosos. Entendemos o posicionamento crítico uma atitude importante como forma de neutralizar o entorpecimento causado por nossa imersão constante no universo de imagens midiáticas a que estamos submetidos atualmente.

14

Buscamos, ainda, nesse Curso de Especialização em Educação e Cinema oferecer aos docentes oportunidades para que se apropriassem dos códigos da linguagem audiovisual, favorecendo assim sua utilização como meio de expressão pessoal, como instrumento metodológico de ensino e como mais um importante caminho para a comunicação com as crianças, jovens, e adultos que cada vez mais se utilizam dessa linguagem para compreender e intervir no mundo.

Ressalta-se, ainda, que considerar que o potencial educativo do cinema implica, sobretudo, considerar a educação como algo muito maior do que aquilo que acontece nas nossas salas de aula, e o cinema como algo muito maior do que acontece na tela. Em outros termos, tanto a educação quanto o cinema constituem formas particulares de socialização dos sujeitos e instâncias culturais que produzem saberes, identidades, visões de mundo e subjetividades (DUARTE, 2004). Assim, as interferências didático-pedagógicas decorrentes da relação cinema e educação possibilitam pensá-la como uma relação educativa, pois o cinema através dos filmes traz à tona a subjetividade, os sentimentos e emoções do ser humano.

Contudo, ao considerarmos o potencial e a força do cinema para a formação ética e estética das gerações de estudantes que frequentam escolas brasileiras e latino-americanas, ressaltamos que a presença do cinema na formação docente não deve ser vista como uma panaceia, uma salvação para os problemas e desafios postos hoje para os professores, as professoras e a instituição escolar, mas acreditamos que um bom trabalho

com cinema poderá contribuir inegavelmente para diferentes respostas que lhes são dadas por esses agentes.

Reafirmamos, assim, que o cinema e as chamadas novas tecnologias não podem ser tomadas, isoladamente, como solução para os problemas escolares, pois há vários fatores internos e externos à escola, assim como há fatores pedagógicos e também sociais implicados no desempenho escolar dos nossos alunos e alunas, assim como no trabalho dos professores e professoras nas escolas, que extrapolam quaisquer processos de sua formação acadêmica, como nos alerta Teixeira(2011, pag.189). A esse respeito, ainda cabe sempre lembrar as condições desfavoráveis a que são submetidos os professores “à realização de um bom trabalho, tanto do ponto de vista das condições salariais, ritmos e jornadas laborais, quanto face às bases materiais e infraestrutura das escolas e redes de ensino” (RAMOS e TEIXEIRA, 2010, p.16).

Esperamos que essa experiência possa servir de referência para outras iniciativas educacionais que de certa forma permitam a continuidade e o aprofundamento das aprendizagens realizadas nesse primeiro curso de especialização em educação e cinema realizado no Brasil.

Referências bibliográficas

ABRAMOVAY, M. (Coord.) *O perfil dos professores brasileiros: o que, fazem, o que pensam, o que almejam*. Pesquisa Nacional UNESCO, São Paulo: Moderna, 2004.

BELO HORIZONTE. PREFEITURA MUNICIPAL. Prefeitura seleciona professores para curso de pós-graduação. *Diário Oficial do Município*, Belo Horizonte, MG, 25 abril de 2006. Ano XII, número 2591, capa. Disponível em <http://portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEdicao.do?method=DetalheArtigo&pk=944671>. Acesso em 16/06/2016.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

DUSSEL, Inès. Educar la Mirada: reflexiones sobre una experiencia de producción audiovisual e de formación docente. In: DUSSEL, Inès y GUTIERREZ, Daniela (comp.). *Educar la Mirada: políticas y pedagogías de la imagen*. 1 ed., 3ª reimpressão. Buenos Aires: Manantial; Flacso, OSDE, 2008 e 2012.

EDITAL Nº 01/2013. *Seleção para o Curso de Especialização em Formação de Educadores para a Educação Básica*: destinado a profissionais da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte/MG. Disponível em <http://www.fae.ufmg.br/pagina.php?page=laseb>. Acesso em 14/06/2016.

FANFANI, Emílio Tenti. *La condición docente*: análisis comparado de la Brasil, Perú y Uruguay. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2005.

GOMES, M. F. C.; DALBEN, A. I. L. F.; ROCHA, A. M. C.; ALVES, E. A. Eixos metodológicos, estrutura curricular e dinâmica de funcionamento de 12 turmas formadas pelo LASEB. In: DALBEN, A. I. L. F., GOMES, M. F. C. (org.) *Formação continuada de docentes da Educação Básica*: construindo parcerias (LASEB). Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

LEAL, A. A. A., AZEVEDO, A. L. F., FERREIRA, A. Y., RIBEIRO, Renata, (2012). O cinema na vida e no trabalho de professores da Educação Básica e Pública (Minas Gerais, 2010/2011). In: OLIVEIRA, D. A., FELDFEBER, M., DUARTE, A., SAFORCADA, F., HYPÓLITO, A. M., GARNELO, R. (orgs.). *IX Seminario Internacional de la Red ESTRADO Políticas Educativas en América Latina Praxisdocente y transformación social. IX Seminario Internacional de la Red ESTRADO*. Santiago de Chile.

MANUAL ACPP- *Análise Crítica da Prática Pedagógica*- FAE-UFMG-2011.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. (2001a). *Dos Meios às Mediações*: comunicação, cultura e hegemonia, Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

RAMOS, Ana Lúcia Azevedo e TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro (2010). *Os professores e o cinema na companhia de Bergala*. Revista Contemporânea de Educação, 5 (10), pp.7-22.

RANCIÈRE, Jacques (2010). *O espectador emancipado*. Tradução Ivone C. Benedetti, São Paulo.

TEIXEIRA, Inês A.C Deslocando a câmera, imaginando cenas, criando roteiros: o cinema na formação de professores. In: *Escola, Tecnologias digitais e cinema*/ Maria Tereza Freitas (org.) – Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2011.

SETTON, Maria da Graça J. Cinema: instrumento reflexivo e pedagógico. In: ____ (Org.). *A cultura da mídia na escola*: ensaios sobre cinema e educação. São Paulo: Annablume; USP, 2004, p. 67-79.